



Afrofuturismo e os elementos para pensar uma educação decolonial

Afrofuturism and the elements to think a decolonial education

Afrofuturismo y los elementos para pensar una educación decolonial

Carlos Henrique Garcia de Souza [*]
Helena do Socorro Campos da Rocha [**]

[*] Pedagogo (UEPA), Mestre em educação pelo Programa de Pós graduação em educação da Universidade Federal do Pará (PPGED-UFPA). Doutorando em educação pelo Programa de Pós graduação em educação da Universidade Federal do Pará (PPGED-UFPA), educador e membro da Casa Preta Amazônia. E-mail: carlos.souza@iced.ufpa.br

[**] Pedagoga (UFPA), Mestra em Ensino (PPGCIMES/UFPA), Professora do IFPA campus Belém, vinculada ao Departamento de Ensino Superior e lotada na Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Pesquisadora do Afrofuturismo na Educação. E-mail: helena.rocha@ifpa.edu.br

Resumo: O presente objetiva relacionar o movimento cultural Afrofuturista com a construção de uma educação decolonial, bem como contribuir para a discussão da educação para as relações étnico-raciais a partir do marco legal que torna obrigatório o ensino de História e Cultura afro-brasileira e indígena na Educação Básica (Leis nº 10.639/03 e 11.645/08). Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com revisão integrativa de literatura com a finalidade de reunir os estudos (teses e dissertações) que discorrem sobre o tema do Afrofuturismo, tentando compreender e responder quais aspectos e dimensões do movimento Afrofuturista vêm sendo discutidos e tratados nestes estudos e, conseqüentemente, relacionar o resultado destas abordagens do Afrofuturismo com elementos que dialogam com a perspectiva da decolonialidade e de uma educação decolonial.

Palavras-chave: Afrofuturismo; Decolonialidade; Educação decolonial.

Abstract: The current text aims to relate the Afrofuturist cultural movement with the construction of a decolonial education, as well as to contribute to the discussion of education for ethnic-racial relations from the juridical framework that makes the teaching of Afro-Brazilian History and Culture and indigenous in Basic Education mandatory (Laws nº 10.639/03 and 11.645/08). This is a bibliographical research, with an integrative literature review with the purpose of gathering studies (theses and dissertations) that discuss the theme of Afrofuturism, trying to understand and answer which aspects and dimensions of the Afrofuturist movement has been discussed and treated in these studies and, consequently, relate the result of these approaches about Afrofuturism with elements that dialogue with the perspective of decoloniality and a decolonial education.

Keywords: Afrofuturism; Decoloniality; Decolonial Education.

Resumen: El presente texto tiene como objetivo relacionar el movimiento cultural afrofuturista con la construcción de una educación decolonial, así como contribuir a la discusión de la educación para las relaciones étnico-raciales desde el marco jurídico que hace la enseñanza de la Historia y Cultura afrobrasileña e indígena. en Educación Básica obligatoria (Leyes nº 10.639/03 y 11.645/08). Se trata de una investigación bibliográfica, con una revisión integrativa de la literatura con el propósito de recopilar estudios (tesis y disertaciones) que discutan el tema del afrofuturismo, tratando de comprender y responder qué aspectos y dimensiones del movimiento afrofuturista han sido discutidos y tratados en estos estudios. y, en consecuencia, relacionar el resultado de estos planteamientos sobre el afrofuturismo con elementos que dialogan con la perspectiva de la decolonialidad y una educación decolonial.

Palabras clave: Afrofuturismo; Decolonialidad; Educación Decolonial.

Este artigo tem como objetivo contribuir para a discussão da educação para as relações étnico-raciais a partir do marco legal que torna obrigatório o ensino de História e Cultura afro-brasileira e indígena na Educação Básica (Leis nº 10.639/03 e 11.645/08), assim como fomentar a discussão sobre a utilização e aproximação do movimento estético, cultural, político, filosófico do Afrofuturismo com o campo educacional a partir das contribuições de estudos (teses e dissertações) que vem discutindo e, conseqüentemente, contribuindo para a aplicabilidade do Afrofuturismo no campo da educação. Não obstante, defende-se um diálogo com a perspectiva da decolonialidade e do pensamento Afrodiaspórico a partir da ideia de uma educação decolonial, onde o Afrofuturismo localiza-se como um movimento de resistência e (re)existência, capaz de produzir, pensar, fazer e sentir de uma maneira distinta à modernidade/colonialidade.

Este estudo foi realizado e suscitado a partir das discussões, reflexões e atividades práticas ocorridas durante o Curso de Especialização Lato Sensu em Educação para Relações Etnicorraciais no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – Campus Belém, durante a disciplina Transposição didática para a diversidade étnico-racial na sala de aula, ministrada pela professora Helena Rocha. Constitui-se também como objetivo desse artigo o mapeamento e a síntese das produções acadêmicas a fim de apresentar um panorama das pesquisas disponíveis no Banco de Teses & Dissertações da Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que discutem *Afrofuturismo e decolonialidade na perspectiva da educação* no período que compreende os anos de 2003 até 2023.

As discussões sobre Afrofuturismo, alinhadas à ideia de uma educação antirracista e emancipadora, fazem parte de um debate recente dentro do campo educacional brasileiro, o movimento estético, cultural, político e filosófico do Afrofuturismo tem sido acionado, com fortes

inclinações ao campo das artes, uma vez que, cunhado em meados dos anos 90, grande parte das produções que fazem referência a este movimento têm se manifestado nos campos da literatura, do cinema, da fotografia, da moda, da música entre outros.

São inúmeras as contribuições deste movimento estético, cultural, político, filosófico, a maior parte delas faz menção à sua utilização como referência para os mais distintos campos de atuação e conhecimento, não se restringindo apenas ao campo da ficção científica (o qual marca seu surgimento)¹. A célebre pergunta do ensaio de Mark Dery nos conduz às múltiplas possibilidades de diálogos, sobretudo no campo da educação: “[...]pode uma comunidade que teve seu passado tão deliberadamente apagado, e busca por traços legíveis de sua história, imaginar futuros possíveis?” (Dery 1994, 180). Diante desse questionamento, trago as contribuições teóricas e estudos desenvolvidos por meios de teses e dissertações que discutem a possibilidade do Afrofuturismo e sua aplicabilidade na educação, sobretudo a educação emancipatória, crítica e subversiva, construída historicamente por meio de vozes e narrativas de sujeitos e sujeitas sociais que, na luta pela liberdade, construíram outros conhecimentos e epistemologias.

A proposta do Afrofuturismo, sobretudo vinculada à ficção especulativa, consiste em tratar de temas e preocupações “Afro-americanas” relacionadas à tecno cultura do século XX, no entanto, adotaremos neste artigo a perspectiva de um Afrofuturismo que dialoga com as experiências Afrodiaspóricas² e Amefricanas³ uma vez que, as contribuições da intelectual Lélia Gonzalez nos trazem uma ideia mais ampla e profunda sobre a dinâmica cultural da população negra do continente e sub continentes americanos.

Desse modo, debruçar-se sobre as experiências negras no Brasil (país que detém a maior população negra fora do continente Africano e a segunda maior do planeta) (Pereira 2012) e nas Américas, consiste em trazer pra o primeiro plano as contribuições históricas de pensadores/as, militantes, ativistas, artistas etc. que pensaram, viveram e produziram debates e estratégias de superação do racismo e das colonialidades do ser, do saber e do poder que preconizam a crença na

¹ O termo foi cunhado inicialmente pelo Estado-unidense escritor e crítico cultural Mark Dery, o qual popularizou o conceito a partir de seu clássico ensaio *Black to the Future*, de 1994.

² Diáspora desencadeada pelo tráfico transatlântico de escravizados advindos do continente africano, as experiências Afrodiaspóricas ainda que dispersas pelas américas, caribe e pelo mundo, estão conectadas por laços culturais, históricos e sociais e por meio de práticas culturais, políticas e artísticas que surgiram dessa dispersão.

³ A noção de "Amefricanidade", concebida por Lélia Gonzalez (1988), emerge do âmbito político e cultural. Gonzalez elaborou esta categoria como resposta crítica ao tropicalismo luso e ao mito da democracia racial, bem como às hierarquias raciais e epistêmicas, e à predominância da legitimidade acadêmica branca, eurocêntrica e ocidental na produção científica e tradição acadêmica. Sua proposta é criar uma categoria que reconheça as contribuições das populações africanas e indígenas para a América Latina e para a construção do continente americano. Portanto, a "Amefricanidade" abraça uma abordagem interdisciplinar e transcultural que transcende fronteiras territoriais, linguísticas e ideológicas, possibilitando uma compreensão mais holística da América. (Gonzalez 2018).

(falsa e pretensa) superioridade da ciência moderna ocidental frente a outros modos de pensar, ser e existir (Mignolo 2004).

Nessa perspectiva, cabe a este trabalho, aproximar o Afrofuturismo da decolonialidade e do pensamento Afrodiaspórico, tendo em vista a necessidade de tensionar os debates sobre as superações de formas de opressões perpetradas às populações Afrodiaspóricas, bem como grupos “minoritários” e subalternizados. Assim, com vistas à articulação de um olhar, até então, invisibilizado pela intelectualidade ‘euro-norte-americano-centrada’, busca-se trazer as perspectivas e experiências de autores e autoras negros/as que formularam um pensamento sofisticado acerca da sociedade e da contribuição da população negra em diversos campos do conhecimento, muitas vezes apagados e objetificados pela construção da modernidade.

Sabemos que o colonialismo europeu, nos termos com que hoje o definimos, configura-se no decorrer da segunda metade do século XIX. Nesse mesmo período, o racismo se constituía como a “ciência” da superioridade euro-cristã (branca e patriarcal), na medida em que se estruturava o modelo ariano de explicação (Bernal, 1987) que viria a ser não só o referencial das classificações triádicas do evolucionismo positivistas das nascentes ciências do homem. Como ainda hoje direciona o olhar da produção acadêmica ocidental (...) tal processo se desenvolveu no terreno fértil de toda uma tradição etnocêntrica pré colonialista (século XV- século XIX) que considerava absurdas, supersticiosas ou exóticas, as manifestações culturais dos povos “selvagens”. (Leclerc 1972, citado em Gonzalez 2018, 323-324).

Nesse sentido, o Afrofuturismo em diálogo com o pensamento Afrodiaspórico e a decolonialidade, trazem para o primeiro plano a intelectualidade negra a partir das experiências corpo-sensoriais do “ser negro/a”, bem como as particularidades e a experiência desses homens e mulheres nas américas e no mundo na construção de futuros e outras educações possíveis.

O pensamento decolonial e a perspectiva Afrodiaspórica

O debate sobre a decolonialidade, ou o pensamento decolonial, tem se constituído como uma das principais abordagens acadêmicas latino-americanas nos últimos tempos, sobretudo a partir dos final da década de 90, onde um grupo de intelectuais conhecidos/as como “Grupo Modernidade/Colonialidade” (M/C), reunidos/as em torno de um programa de investigação que, dentre muitos objetivos, radicalizou críticas à epistemologias e correntes teóricas anteriores a sua formação, tais como: os Estudos Subalternos e os Estudos pós-coloniais.

Os/as estudiosos/as que compõem o grupo, irão questionar a geopolítica do conhecimento, na mesma medida em que trarão a proposição de uma maneira diferente de pensar, sobretudo tendo como base as críticas às narrativas construídas a partir da Europa, da modernidade e também de pressupostos teóricos como o marxismo etc. (Souza 2021, 98).

Dessa maneira, o grupo M/C passa a ser estruturado a partir de reuniões, seminários, publicações e tem em nomes como Enrique Dussel, Walter Mignolo, Ramón Grosfoguel, Catherine

Walsh, Nelson Maldonado-Torres, Santiago Castro-Gómez, Aníbal Quijano, Arturo Escobar, Immanuel Wallerstein, entre outros, seus principais expoentes (Ballestrin 2013).

O grupo tem elaborado ao longo destes anos uma volumosa produção acadêmica nos mais diversos campos do conhecimento em especial nos campos da filosofia, estudos culturais, sociologia, história e da análise literária, com ênfase em um conjunto de categorias de análise que focam no processo histórico de colonização na América latina e na modernidade/colonialidade como conceitos derivados desse processo (Mota Neto 2018).

Dentre os principais conceitos elaborados pelo grupo, destacamos os que se encontram presentes neste estudo, a saber: Colonialidade (do ser, saber e poder); modernidade; Decolonialidade; Geopolítica do conhecimento e Colonialismo. No entanto, cabe ressaltar que contribuir com a perspectiva dos estudos decoloniais não se limita apenas ao uso do arcabouço teórico da rede modernidade/Colonialidade.

Ao eleger o Afrofuturismo como movimento estético, político, filosófico, artístico para diálogo, a luta política e histórica da população negra é destacada em primeiro plano, assim, cabe a este estudo não só articular autores e autoras negros e negras, como também afrodiaspóricos/as e africanos/as, a fim de se concretizar um lócus de enunciação negra na teoria e na prática:

A produção do conhecimento advindo dos movimentos negros, bem como de negros e negras, traz em seu bojo análises, pensamentos e críticas que fazem destes/as sujeitos/as importantes interlocutores/as no que tange a denúncia do colonialismo e da Colonialidade presentes no pensamento e na sociedade brasileira, pensadoras como Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Nilma Lino gomes, Conceição Evaristo, Zélia Amador de Deus, Sueli Carneiro, Nilma Bentes, Thereza Santos, Carolina Maria de Jesus, entre outras, foram responsáveis por ecoar vozes que tinham/têm como anseio uma sociedade cada vez mais livre, assim como a afirmação de um lócus de enunciação que traz uma epistemologia emancipatória com pressupostos nas identidades, corporeidades, estéticas, filosofias e cosmo percepções negras. (Souza 2021, 128).

Assim, em contraposição ao discurso colonial, afirmar o conhecimento e produção advindo de sujeitos e sujeitas racializados/as pela modernidade colonial consiste em desvendar a “corpo-política” do conhecimento afirmando loci de enunciação e denunciando o falso discurso acadêmico da neutralidade e objetividade.

Movimento Afrofuturista: disruptividade temporal e o futuro ancestral

O ditado Iorubá “Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje” nos demonstra mais do que a importância do Orixá Exú para tradição Iorubá, seja com relação a transmissão oral de conhecimento, ou ao seu papel no corpo milenar de tradição. A frase evoca uma imagética a respeito da construção ou da compreensão do tempo, que transcende a percepção linear judaico-cristã como movimento retilíneo, o passado é compreendido como construção do presente, nos aproximando de outra lógica temporal.

Criando complicações temporais e episódios anacrônicos que perturbam o tempo linear do progresso, esses futuros ajustam a lógica temporal que condena sujeitos negros à pré-história. Falando crono politicamente, essas historicidades revisionistas podem ser entendidas como uma série de poderosos futuros competindo entre si, que infiltram o presente em taxas diferentes. (Eshun 2015, 55).

Ao eleger esta frase como ponto de partida para se discutir o afrofuturismo, destaco a maneira pela qual Exu se tornou conhecido no Brasil, a partir da herança de povos iorubás, grupo étnico de presença marcante em nosso país. Tal fato remonta às religiões de matriz africana ou ao ato “religioso” de “religare” ou “relegere”, seja em qualquer um dos termos, ‘religar’ ou ‘retomar’ a ancestralidade compõe um fator primordial no Afrofuturismo, mobilizados pela escrita de relações com o tempo futuro.

O Afrofuturismo pode ser caracterizado como um programa para a recuperação das histórias de contra-futuros criadas em um século hostil à projeção afrodiáspórica e também como um espaço no qual o trabalho crítico de produzir ferramentas capazes de intervir no atual regime político pode ser levado a cabo. A produção, migração e mutação de conceitos nos campos do teórico e do ficcional, do digital e do sônico, do visual e do arquitetural exemplificam o campo expandido do Afrofuturismo, considerado como um projeto multimídia distribuído através dos nós, centros, anéis e estrelas do Atlântico Negro. (Eshun 2015, 59-60).

São inúmeras as contribuições deste movimento estético, cultural, político, filosófico, a maior parte delas faz menção à sua utilização como referência para os mais distintos campos de atuação e conhecimento, não se restringindo apenas ao campo da ficção científica (o qual marca seu surgimento). A célebre pergunta do ensaio de Mark Dery nos conduz às múltiplas possibilidades de diálogos, sobretudo no campo da educação: “[...]pode uma comunidade que teve seu passado tão deliberadamente apagado, e busca por traços legíveis de sua história, imaginar futuros possíveis?” (Dery 2014, 180). Diante desse questionamento, trago as contribuições teóricas e estudos desenvolvidos por meios de teses e dissertações que discutem a possibilidade do Afrofuturismo e sua aplicabilidade na educação, sobretudo a educação emancipatória, crítica e subversiva, construída historicamente por meio de vozes e narrativas de sujeitos e sujeitas sociais que, na luta pela liberdade, construíram outros conhecimentos e epistemologias.

A abordagem do Afrofuturismo empreendida aqui, dialoga com as experiências Afrodiaspóricas e Amefricanas. Isso se deve às contribuições da intelectual Lélia Gonzalez, as quais nos proporcionam uma compreensão mais ampla e profunda da dinâmica cultural da população negra nas américas (Gonzalez 2018).

Os termos “afro-american” (afro-americano) e “african-american” (africanoamericano) nos remetem a uma primeira reflexão: a de que só existiriam negros nos Estados Unidos, e não em todo o continente. E a uma outra, que aponta para a reprodução inconsciente da posição imperialista dos Estados Unidos, que afirmam ser “A AMÉRICA”. Afinal, o que dizer dos outros países da AMÉRICA do Sul, Central, Insular e do Norte? Por que considerar o Caribe como algo separado, se foi ali, justamente, que se iniciou a história dessa AMÉRICA? É interessante observar alguém que sai do Brasil, por exemplo, dizer que está indo para “a América”. É que todos nós, de qualquer região do continente, efetuamos a mesma reprodução, perpetuamos o imperialismo dos Estados Unidos, chamando seus habitantes de “americanos”. E nós, o que somos, asiáticos? Quanto a nós, negros, como podemos atingir uma consciência efetiva de nós mesmos enquanto descendentes de africanos se permanecemos prisioneiros, “cativos de uma linguagem racista”? Por isso mesmo, em contraposição aos termos supracitados, eu proponho o de amefricanos (“amefricans”) para designar a todos nós. As implicações políticas e culturais da categoria de amefricanidade (Amefricanity) são, de fato, democráticas; exatamente porque o próprio termo nos permite ultrapassar as limitações de caráter territorial, linguístico e ideológico, abrindo novas perspectivas para um entendimento mais profundo dessa parte do mundo onde ela se manifesta: A AMÉRICA como um todo (Sul, Central, Norte e Insular). (Gonzalez 2018, 329).

Desse modo, debruçar-se sobre as experiências negras no Brasil (país que detém a maior população negra fora do continente Africano e a segunda maior do planeta) e nas américas, consiste em trazer pra o primeiro plano as contribuições históricas de pensadores/as, militantes, ativistas, artistas etc. que pensaram, viveram e produziram debates e estratégias de superação do racismo e das colonialidades do ser, do saber e do poder que preconizam a crença na (falsa e pretensa) superioridade da ciência moderna ocidental frente a outros modos de pensar, ser e existir (Mignolo 2004).

Metodologia

A revisão integrativa de literatura foi a estratégia utilizada como abordagem e procedimento metodológicos. Com a finalidade de reunir os estudos (teses e dissertações) que discorrem sobre o tema do Afrofuturismo, buscou-se desenvolver uma síntese dessas pesquisas com a finalidade de analisar, apresentar e discutir o que tem sido produzido sobre esta temática, nos últimos vinte anos, a partir do Catálogo de Teses & Dissertações do Portal Capes, para, posteriormente, promovermos um diálogo do Afrofuturismo com a perspectiva decolonial.

Para o levantamento das teses e dissertações a busca realizou-se no Catálogo de Teses & Dissertações do Portal Capes (o qual dispõe de informações quantitativas sobre teses e dissertações defendidas no país a partir de 2013, fato que não impede a exposição de resultados de estudos

anteriores à plataforma, mas tão somente a incapacidade da versão digitalizada destes estudos no banco de teses e dissertações, cabendo ao pesquisador fazer a busca na biblioteca institucional ao qual o resultado foi indicado) pois este banco de dados reúne teses e dissertações defendidas junto aos programas de pós graduação do Brasil e seus dados são oriundos da Plataforma Sucupira⁴.

Foi utilizado, para busca das teses e dissertações, o descritor: “Afrofuturismo” com a finalidade de responder a seguinte questão: “O que as teses e dissertações têm produzido sobre o movimento estético, cultural, político e filosófico do Afrofuturismo no Brasil nos últimos vinte anos?”, este questionamento inicial nos subsidiou um panorama do que tem sido produzido no âmbito acadêmico (teses e dissertações) sobre o movimento do Afrofuturismo, posteriormente, na etapa das análises, a leitura criteriosa descreveu os objetivos dos trabalhos e quais abordagens do Afrofuturismo foram contempladas. Nesse sentido, destacamos, em um segundo momento, os elementos do Afrofuturismo que dialogam com a perspectiva de uma educação decolonial.

Os critérios utilizados para inclusão e seleção dos estudos foram: teses e dissertações defendidas no recorte temporal que compreende os anos de 2003 até 2023; teses e dissertações que mencionassem em título, resumo e/ou palavras chaves como “Afrofuturismo”, “Afrofuturo” ou “Afrofuturista”.

Resultados

Após a busca na literatura científica seguindo os critérios estabelecidos e a base de dados selecionada, obtivemos o seguinte resultado, onde, A1= É o quantitativo de teses e dissertações sem nenhum refinamento, A2= teses e dissertações com refinamento temporal, A3= Número de teses, A4 = número de dissertações e A5= teses e dissertações selecionadas que mencionassem em título, resumo e/ou palavras chaves o “Afrofuturismo e educação” ou “Afrofuturismo; Afrofuturista”, conforme quadro abaixo:

Quadro 1- Refinamento da pesquisa sobre Afrofuturismo

Fonte:
pelo autor
Catálogo

REFINAMENTO					
DESCRITOR	N1	N2	N3	N4	N5
Afrofuturismo	21	21	3	18	21

Elaborado
a partir do
de Teses e

Dissertações da CAPES

⁴ Base padronizadora do Sistema Nacional de Pós-Graduação brasileira a partir do compartilhamento das informações acadêmicas.

A busca pelas teses e dissertações sobre o tema Afrofuturismo resultou em um total de 21 trabalhos, sendo estes, 3 teses e 18 dissertações e, encontram-se divididos nas seguintes áreas de concentração: Antropologia Social (1); Artes Cênicas (1); Composição (1); Comunicação (1); Cultura e Territorialidades (1); Design (1); Design Estratégico (1); Ensino, Linguagem e Sociedade (1); Estudos Culturais (1); Linguagens: Práticas e Contextos (1); Linguística Aplicada e Estudos e a Linguagem (1); Literatura e Práticas Sociais (1); Linguagem e Sociedade (1); Metodologias de Ensino-Aprendizagem (1); Novos Direitos, Novos Sujeitos (1); Psicologia Social (1); Teoria e Experimentações em Arte (1); Teoria da Literatura (1); Tradução em Contexto (1); Teorias e Processos em Cinema e Artes do Vídeo (1); Urbanismo (1). Bem como nas seguintes áreas de conhecimento: Antropologia (1) Arquitetura e Urbanismo (1); Artes (3); Comunicação (1); Desenho Industrial (2); Direito (1); Ensino (2); Letras (4); Linguística (1); Linguística Aplicada (1); Música (1); Psicologia (1); sociais e Humanidades (2). Dessa maneira, as teses e dissertações encontradas na busca encontram-se organizadas no quadro a seguir e, posteriormente são discutidas a partir de seus objetivos e abordagens com relação ao afrofuturismo.

Quadro 2- Quadro de teses e dissertações com *título*, autor/a e ano de publicação

Nº	TÍTULO DO TRABALHO	AUTOR/A	ANO
1.	Ações artísticas contra formas de sujeição: deslocamentos entre imagem, escrita e performance. Tese (Doutorado em Artes Visuais)	HUPE, Ana Luiza Ferreira.	2016
2.	A força das imagens de Emory Douglas: o papel do design na construção de identidades negras. Dissertação (Mestrado em Design)	SILVA, Claudio Valentin da.	2018
3.	“São Paulo cidade negra: branquidade e afrofuturismo a partir de lutas por moradia. Tese (Doutorado em Antropologia)	PATERNIANI, Stella Zagatto.	2019
4.	Afrofuturismo: o futuro ancestral na literatura brasileira contemporânea. Dissertação (Mestrado em literatura)	SOUZA, Waldson Gomes de.	2019
5.	Com os pés voltados para África: a Literatura de Aline França. Dissertação (Mestrado em estudo de linguagens)	DAMASCENO, Daniela dos Santos	2020

6.	Afrofuturismo na educação: criatividade e inovação para discutir a diversidade etnicorracial. Dissertação (Mestrado Profissional em criatividade e inovação em metodologias de ensino superior)	ROCHA, Helena do Socorro Campos da	2020
7.	Design estratégico e afrofuturismo na busca por uma moda decolonial sustentável. Dissertação (Mestrado em Design)	ANCHIETA, Carolina.	2021
8.	Uma viagem no tempo afrofuturista: (re)formulando caminhos narrativos em Kindred – laços de sangue. Dissertação (Mestrado em Letras)	JESUS, Danielly Weerdy Oliveira de.	2021
9.	Um estudo sobre as contranarrativas do afrofuturismo e do afropessimismo. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais)	LIMA, Marcelo De Jesus.	2021
10.	Ficção especulativa no cinema negro brasileiro - a estética afrofuturista em curtas-metragens. Dissertação (Mestrado em Cinema e Artes do Vídeo)	MARTINS, Kariny Felipe.	2021
11.	O som Afrofuturista: elaboração da ficção sônica <i>Impactitos</i> por Disco Duro. Dissertação (Mestrado em música)	ROCHA, Pitter Gabriel Maciel.	2021
12.	Delirando o presente: o ethos discursivo em canções afrodiáspóricas - perspectiva afrofuturista. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem).	OLIVEIRA, Helena Lucas Rodrigues de.	2021
13.	De rolé na night carioca: R&B, geração tombamento e as festas da juventude preta do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Comunicação).	BARROS, Maria Beatriz dos Santos.	2022
14.	Daqui e de lá. Afrofuturando em escrevivências. Memórias e trajetos de um encontro entre Brasil e África do Sul. Dissertação (Mestrado Profissional em ensino, linguagem e sociedade)	CHAGAS, Janildes Almeida.	2022
15.	Do afropessimismo ao afrofuturismo: a anti-humanidade do trabalhador preto e o pressuposto empregatício da pessoalidade. Dissertação (Mestrado em Direito)	CORRAIDE, Marco Tulio.	2022
16.	Encarando a humanidade na obra de Octavia Butler: a tradução crítica do conto Childfinder. Dissertação (Mestrado em Estudos de Tradução)	MELO, Natascya Pereira.	2022
17.	Mulheres pensando afrofuturos: fabulações, movimentos e sentidos. Dissertação (Mestrado em cultura e territorialidades)	PEREIRA, Thaiana Ivia da Costa e Silva.	2022
18.	Sankofa: Retomada aos vestígios da paisagem de Itapuã. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)	SANTIAGO, Gustavo Sena de Almeida.	2022

19.	“Grupo de atendimento COM-POR pessoas negras: o afrofuturismo em ação”. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social)	SANTOS, Loise Lorena do Nascimento.	2022
20.	Distorções e reescritas: o afrofuturismo e a ficção científica distópica em a parábola do sementeiro, de Octavia Butler. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras)	SILVA, Raissa Lauana Antunes da.	2022
21.	AFROTEMPOS criação, deslocamentos e produção de vida nas artes da cena. Tese (Doutorado em Artes Cênicas.	CONCEICAO, Thiago Pirajira.	2023

Fonte: Elaborado pelos autores a partir do banco de dados de Teses e dissertações da Capes. 2023

Cabe ressaltar que, no que tange a perspectiva temporal, os estudos que discutem e têm em seu escopo a perspectiva do movimento Afrofuturista somente começam a ser produzidos a nível de teses e dissertações a partir do ano de 2016, o que reflete um avanço tímido nas discussões sobre este movimento estético, político e filosófico no âmbito acadêmico (pesquisas) no Brasil e de alguma maneira dialoga com a temporalidade de algumas obras literárias contemporâneas e, que são consideradas Afrofuturistas, publicadas no Brasil a partir do ano de 2014, período em que as discussões sobre Afrofuturismo passam a ganhar força no Brasil a partir de textos na internet, conforme sugere Souza (2019), em sua dissertação de mestrado em literatura, ao abordar o Afrofuturismo na literatura contemporânea brasileira a partir das obras: Ritos de passagem (2014), de Fábio Kabral; Brasil 2408 (2016-2017), de Lu Ain-Zaila; e Cidade de Deus Z (2015), de Julio Peely.

Assim, ainda que o movimento cunhado por Mark Dery em meados dos anos 90 tenha, nos Estados Unidos, reunido muitas produções e tentado “organizar e nomear” fenômenos já existentes, como Sun-Rá, entre outros/as exemplos na música, cinema etc., observamos uma tendência de aumento dessas discussões e produções, no Brasil, somente mais de 20 anos depois, o que reforça a ideia de que a internet ajudou a proliferar conceitos e obras Afrofuturistas no Brasil⁵.

Neste direcionamento, destacaremos as pesquisas e seus objetivos, bem como ressaltaremos quais abordagens do Afrofuturismo foram contempladas nestes estudos. Por conseguinte, busca-se identificar os elementos do afrofuturismo que dialogam com a decolonialidade no intento de compreender as possíveis aproximações do movimento cultural Afrofuturista com a decolonialidade elaborando um diálogo teórico entre afrofuturismo e educação decolonial.

⁵ Ainda que se discuta o teor sobre algumas produções como o ilustre álbum de Jorge Ben Jor “A Tábua de Esmeralda” (1974) ter elementos que aproximam sua obra de uma perspectiva Afrofuturista.

Discussões

O primeiro estudo que abordou o Afrofuturismo, a nível de teses e dissertações, foi o de Ana Luiza Ferreira Hupe, com sua tese em artes visuais denominada: *Ações artísticas contra formas de sujeição: deslocamentos entre imagem, escrita e performance* (Hupe 2016). Nesta tese que tem como ponto de partida a investigação de mídias analógicas e digitais, tais como livros e suas ampliações, como exemplo, dispositivos de leitura digitais, assim como espaços tais qual a biblioteca, a autora considera que estas formas variadas de leitura permitiram um diálogo com a perspectiva Afrofuturista como um subterfúgio e um “desvio da percepção colonial” que, por meio de “estratégias fabulatórias”, permite a construção de uma “contra memória do arquivo colonial” (Hupe 2016). Assim, a partir de trabalhos artísticos e de expedições de campo, a autora enfatiza experimentações contemporâneas e, o Afrofuturismo é tido como uma lente que a permite visibilizar vozes e identidades que se encontram às margens (da sociedade, do capital etc.) potencializando o legado africano para a sociedade e promovendo descolonizações e a desconstrução de estereótipos e de narrativas.

Na dissertação *A força das imagens de Emory Douglas: o papel do design na construção de identidades negras* (Silva 2018) o autor tem como objetivo apresentar um estudo aprofundado em torno da produção visual (iconografia) do designer e artista gráfico Emory Douglas, para isto, recorre a uma análise dos cartazes e do jornal Black Panther, os quais tiveram o artista como criador da identidade visual destes. Neste estudo o Afrofuturismo é discutido a partir de sua influência no design, sobretudo relacionando a produção visual com um movimento de exaltação da população negra com destaques para o “resgate” de suas cosmologias e cosmogonias ao promover inovação ao pensamento em diálogo com suas ancestralidades e vislumbrando uma “arqueologia do tempo” (Silva 2018). O movimento do afrofuturismo, neste estudo, é visto como um plano de fundo que influenciou a valorização da população negra relacionando esta à produção visual e positiva de sua autoimagem.

O trabalho de Stella Zagatto Paterniani, intitulado *São Paulo cidade negra: branquidade e afrofuturismo a partir de lutas por moradia* (Paterniani 2019), objetivou discutir e contribuir para o debate do racismo na formação e organização da cidade de São Paulo a partir das discussões sobre as relações sociais racializadas e pautadas pela branquidade (que tem a anti-negritude como marca de sua experiência), racismo etc. Em sua tese, o Afrofuturismo vai ao encontro de uma formação de “contra-arquivo” colonial no reconhecimento de um conhecimento anti-colonial. Assim aparece como “cosmopolítica, vinculada a uma noção de espaço anti-moderna, anti-cartesiana” (Paterniani

2019) e dessa maneira propõe a noção de um “espaço afrofuturista” por meio de uma “práxis espacial negra”.

Waldson Gomes de Souza em sua dissertação *Afrofuturismo: o futuro ancestral na literatura brasileira contemporânea* (Souza 2019) aborda o conceito de Afrofuturismo ao focalizar na literatura brasileira contemporânea. O autor explora o conceito de afrofuturismo desde sua criação nos anos noventa até suas elaborações mais recentes, posteriormente analisa três romances brasileiros contemporâneos que contêm elementos afrofuturistas e destaca, sobretudo, que o movimento passa a ganhar força no Brasil a partir do ano de 2014 com ênfase na região sudeste e caracteriza o afrofuturismo brasileiro a partir destas obras pioneiras no país.

A dissertação de Daniela dos Santos Damasceno, sob o título de *Com os pés voltados para África: a literatura de Aline França* (Damasceno 2020) objetivou analisar as obras da escritora e intelectual baiana Aline França e investigou os modos de reelaboração da presença negra da questão negra nos escritos desta autora. O Afrofuturismo é abordado nesta dissertação como movimento estético e político a partir da análise do livro *A mulher de Aleduma* (1981), onde, segundo a autora o afrofuturismo é destacado quando Aline França reelabora em sua obra o passado, presente e futuro do negro na “relação entre negritude e tecnocultura” (Damasceno 2020, 109).

Helena do Socorro Campos da Rocha, em sua dissertação intitulada *Afrofuturismo na educação: criatividade e inovação para discutir a diversidade etnicorracial* (Rocha 2020) trata da aplicabilidade do Afrofuturismo na educação, especificamente em turmas de Formação de Professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA) campus Belém. Nesse sentido, o Afrofuturismo foi abordado e discutido na formação de professores como o movimento estético, político e cultural e a partir de quatro aspectos “ancestralidade, tecnologia, autonomia e futuro possível” além de “conectar passado, presente e futuro, possibilitando o empoderamento.” Com adaptações para o espaço educacional (Rocha 2020, 57) com vistas para o movimento Afrofuturista como “uma arma contra hegemônica no resgate e discurso positivo da cultura africana e afro-brasileira” (Rocha 2020, 57).

Carolina. Anchieta (2021) em sua dissertação intitulada *Design estratégico e afrofuturismo na busca por uma moda decolonial sustentável* explora as potencialidades do Afrofuturismo enquanto “movimento multicultural” com potencialidade de projeção de pessoas/futuros negros/as por meio da moda e do design estratégico. A pesquisa da autora focou em um estudo de caso de uma marca de roupas e destacou o movimento Afrofuturista sublinhando a concepção de inovação social discutida no trabalho, não só possibilitando a positivação de elementos identitários, mas

também a projeção de futuros sociais, ambientais e culturais inovadores, menos colonizados e cada vez mais permeados pela ancestralidade.

A dissertação de Danielly Weerdy Oliveira de Jesus (2021), intitulada *Uma viagem no tempo afrofuturista: (re)formulando caminhos narrativos em Kindred – laços de sangue*, investiga uma obra da escritora Otavia E. Butler, referência na literatura de ficção científica, a partir de uma revisão analítica afrocentrada que traz à tona questões raciais e de gênero. Para isto, a autora recorre, dentre diversas contribuições teóricas, do Afrofuturismo e de seus estudiosos e interlocutores e, o situa como movimento estético, político e transgressor sobretudo por colocar “[...] um sujeito não hegemônico e suas experiências no centro de suas narrativas” (Jesus 2021, 37) e conseqüentemente reinventar as experiências negras com a possibilidade de reescrita do passado, do presente e também do futuro.

Marcelo de Jesus Lima (2021), na dissertação, que se constitui como uma pesquisa bibliográfica, intitulada *Fim do mundo ou afrofuturo? Um estudo sobre as contranarrativas do afrofuturismo e do afropessimismo*, objetiva, por meio da análise de narrativas, investigar como as experiências/ manifestações do pensamento negro apresentam pontos de convergência e divergência em suas construções discursivas e narrativas, a saber: o Afrofuturismo e o Afropessimismo. Dessa maneira, o Afrofuturismo é abordado não só a partir de suas premissas dentro da “tecnologia de uma postura tecnocultural” (Lima 2021, 89) capaz de proporcionar a apropriação de tecnologias e de futuros alternativos, mas também é lido sob o prisma crítico de sua narrativa, onde estas “por si só não são capazes de levar a desordem do sistema colonial e nem devolver de fato os valores retirados aos corpos e terras não brancas” (Lima 2021, 192).

Kariny Felipe Martins (2021) em sua dissertação *Ficção especulativa no cinema negro brasileiro - a estética afrofuturista em curtas-metragens* objetiva compreender o papel do Afrofuturismo dentro do cinema negro brasileiro contemporâneo, para isto a autora recorre aos aspectos da gênese do Afrofuturismo nos anos noventa até sua conformação nos cenários atuais. Compreendemos que o movimento cultural é utilizado pela autora como subterfugio para reelaboração de um mundo outro ao *criar* “rotas de fuga da realidade imposta pelo mundo moderno [...] tendo o passado como referência” (Martins 2021, 116).

Pitter Gabriel Maciel Rocha (2021) em sua dissertação *O som Afrofuturista: elaboração da ficção sônica Impactitos por Disco Duro* traz o movimento afrofuturista no campo das artes sonoras no intento de contribuir para os estudos do som afrofuturista ao promover uma incursão que interrelaciona o som com o movimento estético, artístico, teórico e político tais como as discussões que são caras ao movimento, bem como à música que sempre esteve relacionado a este movimento

cultural e não somente a questão da ficção especulativa. Nesse sentido, o autor dialoga com a proposta de “ficção sônica” (Eshun 1998) e explora as dimensões ficcionais e conceituais da música “afrodiaspórica futurista” por meio de experimentações e reelaborações sonoras e narrativas.

A dissertação de Helena Lucas Rodrigues de Oliveira (2021), *Delirando o presente: o ethos discursivo em canções afrodiaspóricas- perspectiva afrofuturista* introduz uma perspectiva de abordagem até então não visto em trabalhos que discutem o movimento afrofuturista, a autora aborda este a partir da perspectiva da Análise do Discurso Francesa com base na vertente enunciativo-discursiva desenvolvida por Maingueneau. Assim, a autora busca abordar o Afrofuturismo pela análise do discurso a partir de um álbum musical da banda paulistana Aláfia, a qual traz em suas composições e influências a musicalidade da diáspora negra. O Afrofuturismo é apresentado como movimento social, político e estético e a autora traz as diversas abordagens teóricas em torno deste, tais como seus principais teóricos/as interlocutores/as e o objetivo do movimento de resgatar e explicitar as múltiplas identidades da cultura diaspórica, dessa maneira a autora destaca a letra de três canções selecionadas para análise e assevera que estas buscam a reconstituição discursiva do afrofuturismo e anuncia que no Brasil este movimento caminha “[...] para intercruzar os caminhos passados e os desdobramentos contemporâneos da história do país [...]” (Oliveira 2021, 112).

Maria Beatriz dos Santos Barros (2022) no trabalho intitulado *De rolé na night carioca: R&B, geração tombamento e as festas da juventude preta do Rio de Janeiro*, objetivou observar como o movimento hip-hop influenciou o cenário de festas da juventude negra no subúrbio carioca, a autora aproxima analiticamente as festas de concepções como do feminismo negro e interseccional, afrofuturismo e, especificamente sobre o afrofuturismo, a autora brevemente destaca a relevância deste movimento estético e político como mecanismo de valorização para as criações de um futuro baseado nas experiências do presente e do passado.

Janildes Almeida Chagas (2022) na dissertação *DAQUI E DE LÁ. Afrofuturando em escrevivências. Memórias e trajetos de um encontro entre Brasil e África do Sul* traz as escrevivências (Evaristo 2017) da autora como docente da escola pública no Brasil e como brasileira na África do sul como parte da narrativa de seu trabalho que é apresentado a partir da ferramenta da multimodalidade que tem, também, um produto educacional como fruto da dissertação. O Afrofuturismo, neste trabalho, é abordado como um aporte metodológico dentro de sua concepção de movimento político, estético e filosófico, um mecanismo de imaginação e recriação de realidades apartadas da colonização e do racismo, proporcionando a criação de “contra-

histórias” (Chagas 2022). Foi utilizado pela autora como base para oficinas de escrita criativa com ênfase na realidade ficcional.

A dissertação de Marco Tulio Corraide (2022) intitulada: *Do afropessimismo ao afrofuturismo: a anti-humanidade do trabalhador preto e o pressuposto empregatício da pessoalidade* traz a perspectiva do Afrofuturismo como lente para discutir a negritude e a sua não existência enquanto humanos dentro do elemento que se refere ao fato jurídico da pessoalidade (prestação de serviço) no passado e no presente, o autor tem como plano de fundo o ramo jurídico do Direito do trabalho. O Afrofuturismo é utilizado pelo autor por meio de um exercício imaginativo somado a outras teorias filosóficas e sociológicas no sentido de pensar a negritude num futuro onde a relação “corpo negro e tecnologia” possibilitem especulações críticas do elemento do fato jurídico da pessoalidade. O Afrofuturismo também é visto pelo autor como “[...]uma perspectiva crítica de mudança para realocação da negritude no Direito do Trabalho brasileiro” (Corraide 2022, 114).

Na dissertação intitulada *Encarando a humanidade na obra de Octavia Butler: a tradução crítica do conto Childfinder* de autoria de Natascya Pereira Melo (2022), a autora apresenta a tradução crítica de um conto de Otavia Butler (Childfinder- 2014) escritora referência na literatura de ficção científica e afrofuturista. O afrofuturismo é abordado nesse estudo a partir da discussão da autora entre gêneros literários pelos quais Otavia Butler é identificada (afrofuturismo e ficção científica) e para isto, a autora traz a contribuição de escritores/as estudiosos/os do tema para conceituar, problematizar e situar como o afrofuturismo vem sendo utilizado, sobretudo no contexto literário brasileiro após ter sido redefinido e ramificado, deslocando a experiência negra dos EUA para um contexto mais diaspórico.

A dissertação de Thaiana Ivia da Costa e Silva Pereira (2022), intitulada: *Mulheres pensando afrofuturos e matriarcalidade: fabulações, movimentos e sentidos*, até a data de elaboração deste artigo, não constava com divulgação autorizada no banco de Teses e dissertações da CAPES e não se encontrava disponível para leitura e/ou download no site do programa de pós graduação ao qual é vinculado, assim como não estava disponível no repositório institucional de sua IES. No entanto, por meio do resumo disponível no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, podemos ter a noção de que o Afrofuturismo foi trabalhado pela autora partir de suas dimensões clássicas, as quais versam sobre ficção científica, tecnologia, realismo fantástico, ancestralidade e cosmologia africana em dialogo com elementos da filosofia africana (ancestralidade, tempo e afrocentricidade), não obstante a autora também relaciona eventos, movimentos e performances

com a temática afrofuturista, bem como a produção multifacetada feita por mulheres buscando evidenciar a predominância do gênero feminino na temática.

Gustavo Sena de Almeida Santiago (2022), na dissertação intitulada *Sankofa: retomada aos vestígios da paisagem de Itapuã* busca investigar evidências da contribuição da população afrodescendente na formação da paisagem de Itapuã (BA), o movimento afrofuturista foi utilizado neste estudo como fio condutor nas sínteses das informações de modo que, assim como nas produções Afrofuturistas, presente, passado e futuro são reelaborados em um exercício criativo de Ficções Visionárias, o autor também incorpora estas formas de expressão como estratégia que potencializa sua investigação:

foi uma estratégia que potencializou esta investigação acadêmica. Utilizar as Ficções Visionárias e as Afrofabulações no processo da síntese das informações, possibilitou gerar uma alternativa para refletir e narrar sobre a complexidade das vidas negras nas cidades, sem abandonar a força da criação de imaginários, que é tão presente nas formas de contar histórias sobre o Itapuã. (Santiago 2022, 171).

Loise Lorena do Nascimento Santos (2022) em sua dissertação *Grupo de atendimento COM-POR pessoas negras: o afrofuturismo em ação* traz o afrofuturismo aplicado a um serviço/ estratégia política oferecido para pessoas negras chamado de “COM-POR”, um grupo de atendimento feito com e por pessoas negras que auxilia no cuidado da saúde mental e emocional de alunos/as com diversas demandas, sobretudo o racismo. A autora aproxima as ações de cuidado do grupo com as fabulações afrofuturistas de pensar em elaborações de outros futuros possíveis para a população negra, onde as ações do grupo são como práticas afrofuturísticas por possibilitarem um “futuro em que pessoas negras existem e protagonizam este mundo” (Santos 2022, 25).

Raissa Lauana Antunes da Silva (2022) em sua dissertação *Distorções e reescritas: o afrofuturismo e a ficção científica distópica em a parábola do semeador, de Octavia Butler*, traz o afrofuturismo como plano de fundo da análise do texto a “A parábola do semeador” da escritora Octavia Butler, assim como buscou identificar as características afrofuturísticas nesta obra, também buscou como compreender como estas características subvertem a estrutura da ficção científica. Ao longo da dissertação a autora apresenta diferentes conceituações do termo afrofuturismo, sua gênese, características (autoria, protagonismo, afrocentricidade e futuridade) e também a contribuição de autores brasileiros sobre o tema.

A tese de Thiago Pirajira Conceição (2023), intitulada: *AFROTEMPOS criação, deslocamentos e produção de vida nas artes da cena* buscou tratar de processos de criação de alguns artistas brasileiros negros e negras a partir de suas práticas performativas e seus modos de fuga da capturações da modernidade, o Afrofuturismo é abordado nesta tese não só como um movimento assentado no campo das artes (conforme grande parte da literatura discute), mas como

um ponto de partida ou uma “encruzilhada” onde diversos outros conceitos se articulam “[...] gerando tensões, disputas e atualizações, o que faz com que as discussões se ampliem, tornando-o um conceito vivo, em disputa” (Conceição 2023, 22) mas que mantém algumas características basilares tais como “crítica ao pensamento moderno; a reivindicação da presença negra nas narrativas artísticas; a criação de narrativas centradas nas pessoas negras; os imaginários para além do racismo; a reorganização do/no tempo: passado, presente e futuro juntos; e a conexão com o passado” (Conceição 2023, 24).

Após análise dos estudos selecionados, temos um breve panorama acerca da maneira pelo qual o movimento Afrofuturista foi abordado nos mais diversos estudos, há de se destacar que em todos, a noção de ser um movimento artístico que promove fortes possibilidades de diálogos transdisciplinares, o aproxima da concepção de educação decolonial que defendemos, uma vez que ao transbordar as amarras de uma “disciplinaridade” nos fornece bases e potencialidades para a construção e conexões com outras matrizes epistêmicas, como o campo do direito, design etc.

De modo geral, os estudos selecionados dialogam com o movimento Afrofuturista a partir da relação racial, em alguns momentos de forma explícita, como nos estudos de Hupe (2016), Silva (2018), Paterniani (2019), Lima (2021) entre outros. Isto implica na compreensão de que ainda que os campos de conhecimento sejam diversos, a perspectiva racial é sublinhada pelo Afrofuturismo provocando nos estudos um deslocamento das Geopolítica do conhecimento ao trazer para o primeiro plano a contribuição teórica e prática de autores e autoras negros e negras, assim como também afrodiaspóricos/as e africanos/as, não só sob a ótica de uma “teoria acadêmica” ou artística, mas também como trabalho intelectual e a política do cotidiano (Hooks 1995).

O lócus de enunciação negro, o qual foi durante muito tempo invisibilizado pelo pensamento acadêmico científico [...] são bases de uma narrativa que tem como protagonistas a população negra, Africana, Afrodiaspórica e Afro-brasileira, que nos ofereceram referenciais consubstanciados para uma formação intelectual capaz de dialogar com nossas lutas políticas de resistência e reexistência, evidenciando, sobretudo, a contribuição de mulheres negras, quilombolas, dos jovens das periferias, poetas, intelectuais, ativistas, mães e pais de santos e uma infinidade de outros (as) sujeitos (as) que afirmam por meio de sua existência sua qualificação epistêmica. (Souza 2021, 136).

Portanto, avultar nas produções analisadas narrativas que partem de um outro lócus de enunciação ou que dialogam com a luta política e de resistência histórica, como o caso da população negra africana, ou da diáspora, consiste em evidenciar formas de organização ou de projetos políticos que se contrapõem e/ou resistem ao sistema-mundo moderno colonial, destacando alternativas outras de existência e subjetividades. Assim, em estudos como o de Chagas (2022) o caráter do afrofuturismo de recriação de realidades, sobretudo aquelas pensadas a partir de uma experiência apartada da vivência da colonização e do racismo, proporcionam as “contra- histórias”

ou “contranarrativas” que reescrevem/reelaboram, por meio da criatividade, não só a escrita sobre/negro/as, mas também sobre futuros. Essa perspectiva se aproxima de uma das dez teses elaboradas por Maldonado-Torres (2019) para construir uma análise sobre a colonialidade onde o autor destaca que a multiplicidade de atividades tais como pensamento, criatividade, espiritualidade etc. estejam relacionadas pela “criação e pela ação, de um modo que busque trazer juntas várias expressões do condenado para mudar o mundo” (Maldonado-Torres 2019,49)⁶.

Neste direcionamento e, evidenciando as aproximações do movimento Afrofuturista com a decolonialidade, chamamos atenção para o caráter de enfrentamento e contraposição que este movimento cultural propõe, Corraide (2022) ao trazer o Afrofuturismo como lente teórica para discutir a negritude dentro da perspectiva do direito do trabalho, nos traz um interessante diálogo entre Afrofuturismo e decolonialidade, ao dialogar com as reflexões de Bennett Capers (2019) no artigo *Afrofuturismo, teoria crítica da raça e policiamento no ano de 2044* (tradução nossa) onde Capers propõe uma reflexão futura sobre o policiamento nos EUA dos anos 2044, onde segundo o autor, a projeção é de que a sociedade estado-unidense seja composta por uma “maioria de minoria” e com “pessoas de cor” constituindo mais da metade da população, Capers questiona a partir do Afrofuturismo e da Teoria crítica da raça o futuro do policiamento em um mundo “pardo e negro”. Nesse sentido, Corraide (2022) traz a ideia da colonialidade do ser, do saber e do poder (Quijano 2000) combatida pela ideia de Afrofuturismo quando Capers argumenta que: “Os afrofuturistas insistem que os indivíduos negros e pardos sobreviverão no futuro, que a sobrevivência não depende da subordinação dos brancos. Em vez disso, os afrofuturistas imaginam um futuro livre de hierarquias de raça, gênero, classe ou sexualidade” (Capers 2019, 38, tradução nossa).

Dessa maneira, propor futuros livres do “fardo da raça, do ressentimento e do desejo de vingança que toda e qualquer situação de racismo suscita” (Mbembe 2018, 315) bem como de outros eixos de dominação hierarquizante/ classificação social consiste em afirmar a insubordinação frente aos modelos eurocêntricos de controle e de modos de ser e de se reconhecer, existir, pensar, sentir etc.

No tocante a mobilização de críticas às lógicas hegemônicas socio-político-culturais é imprescindível discutir o papel do Afrofuturismo no campo da literatura ficcional, em trabalhos como de Conceição (2023), Souza (2019), Melo (2022), Silva (2022), Martins (2021), Chagas (2022), Jesus (2021), Damasceno (2020), nota-se que este movimento, seja no Brasil ou Estados unidos, tem contribuído para uma escrita que comunica as experiências vividas e marcadas pela

⁶ “Condenado”, neste texto de Maldonado-Torres, faz menção à obra “Os Condenados da terra” de Frantz Fanon (1968). Os condenados referem-se àqueles/as colonizado/as e desumanizados/as por meio da violência colonial.

experiência da racialização de sujeitos/as que enxergam no futuro uma possibilidade de reescrita de suas histórias, bem como a afirmação de sua humanidade:

Quando o condenado comunica as questões críticas que estão fundamentadas na experiência vivida do corpo aberto, temos a emergência de um outro discurso e de outra forma de pensar. Por essa razão, a escrita para muitos intelectuais negros e de cor é um evento fundamental. A escrita é uma forma de reconstruir a si mesmo e um modo de combater os efeitos da separação ontológica e da catástrofe metafísica. (Maldonado-Torres 2019, 47).

É nesse sentido que operam os textos de Octavia Butler, Aline França, Fábio Kabral, Lu Ain-Zaila entre outros, discutidos por meio dos estudos levantados nesse artigo, quando a negritude, a ancestralidade e a tecno cultura informam um local, projetam suas vozes, mas não se confinam em rótulos ou insígnias. Nessa direção e, buscando promover aproximações do Afrofuturismo com uma educação não hegemônica, os estudos de Rocha (2020) e Chagas (2022) nos apontam possibilidades outras de dialogar com o movimento Afrofuturista na construção de uma educação criativa e inovadora, sobretudo dialogando com perspectivas como a escrevivência (aliada à escrita criativa), à criação de produtos educacionais, permeados por vivências, experiências compartilhadas e o empoderamento de alunos/as e professores/as no processo dinâmico de ensino/aprendizagem e auxiliando no debate das relações raciais na perspectiva da escola.

Outrossim, alguns aspectos emanam do diálogo entre as perspectivas trabalhadas, o Afrofuturismo, nas linhas de uma educação decolonial, permite de um modo geral, que percebamos e reconheçamos raízes culturais, uma vez que as culturas africana, afrobrasileiras e afrodiaspóricas são caras ao debate do afrofuturismo. Assim como a Exploração Criativa nos desafia a estabelecermos conexões além dos limites convencionais de tempo e da cronologia. Isso pode inspirar novas formas de expressão artística, literária e tecnológica.

Ao apresentar narrativas futuristas protagonizadas por personagens negros, o Afrofuturismo desafia estereótipos e preconceitos arraigados e construídos historicamente sobre a população negra, promovendo uma visão crítica-social-política sobre questões como racismo, colonialismo, e desigualdade, oferecendo uma lente crítica através da qual podemos analisar o presente e imaginar soluções para o futuro.

Outra possibilidade consiste na integração interdisciplinar, o Afrofuturismo pode ser integrado em várias disciplinas e áreas do conhecimento como literatura, artes visuais, história, ciências sociais, tecnologia etc., promovendo uma abordagem interdisciplinar e diversa do conhecimento, esta característica possibilita um diálogo onde o Afrofuturismo é um facilitador intercultural ao destacar a diversidade de experiências dentro da diáspora africana e além, encorajando a compreensão mútua e o respeito pela pluralidade cultural.

Considerações finais

A escrita deste artigo permitiu-nos importantes reflexões acerca das inúmeras potencialidades de diálogos que o movimento Afrofuturista proporciona, o intento de aproximar e promover a comunicação deste movimento cultural, político, estético e filosófico com a decolonialidade, amplificada pela perspectiva Afrodiaspórica, traz uma relação prolífica no que tange as mobilizações de críticas às lógicas hegemônicas socio-político-culturais em diversos campos do conhecimento.

As práticas de decolonização do ser, saber e do poder, perpassam pelas diversas maneiras de resistência e insurgência inscritas nas culturas populares, movimentos sociais etc. no caso do Afrofuturismo é possível notar que, em sua forma mais comum de expressão, nas artes, de uma forma geral, mobilizam reflexões e sabedorias insurgentes nas fabulações e especulações de um futuro onde a afirmação da humanidade é uma categoria inegociável pelas populações negras, marginalizadas, periféricas, da comunidade LGBTQIAPN+, demonstrando que estes sujeitos e sujeitas não apenas vislumbram um mundo onde seus corpos políticos existam, mas ao mesmo tempo o constroem este espaço por meio de rupturas no mundo moderno/colonial.

Ao pensarmos a construção de uma educação contra hegemônica, inter-multi-cultural crítica, emancipatória, humanística é necessário identificar, compreender e dialogar com elementos que reconheçam as múltiplas possibilidades de saberes insurgentes que emergem do campo da resistência, do bem viver, do cuidado e dos povos quem pensam um “mundo outro”, assim como “futuros outros” possíveis.

É nessa perspectiva que o Afrofuturismo, enquanto uma teoria-prática de reflexão e ação, pode auxiliar-nos na viabilidade de um pensamento aplicado à educação cada vez mais livre das amarras impostas pela modernidade/colonialidade. Articular reflexões Afrofuturistas implica na valorização de epistemologias que tem a África ou o “Afro” como uma dimensão complexa, que nesse exercício trará à tona não só o conceito geográfico de África, mas todos os “processos inteligíveis apenas à luz da *Arkhé* africana” (Sodré 2017, 20) o que conseqüentemente também pode ser afrodiaspórica, Afro-Brasileira, Afro-ameríndia etc. beneficiando a construção de um mundo e de uma educação mais humano e plural.

Referências Bibliográficas

Anchieta, Carolina. *Design estratégico e afrofuturismo na busca por uma moda decolonial sustentável*. 2021. Dissertação de Mestrado em Design, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/10578>.

Ballestrin, Luciana. 2013. “América Latina e o giro decolonial”. *Revista brasileira de ciência política*, 11: 89-117. <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/2069>.

Barros, Maria Beatriz dos Santos. *De rolé na night carioca: R&B, geração tombamento e as festas da juventude preta do Rio de Janeiro*. 2022. Dissertação de em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói. <https://app.uff.br/riuff/handle/1/29298>.

Bernardino-Costa, Joaze, Nelson Maldonado-Torres, e Ramón Grosfoguel. (orgs). 2019. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica.

Capers, I. Bennett. Afrofuturism, critical race theory, and policing in the Year 2044. 2019. *NYUL Rev.*, 94. <https://www.nyulawreview.org/issues/volume-94-number-1/afrofuturism-critical-race-theory-and-policing-in-the-year-2044/>.

Chagas, Janildes Almeida. *DAQUI E DE LÁ. Afrofuturando em escrevivências. Memórias e trajetos de um encontro entre Brasil e África do Sul*. 2022. Dissertação de Mestrado Profissional, Universidade Do Estado Da Bahia, Caeté. <https://saberaberto.homologacao.uneb.br/items/c4ed371e-242e-450c-a458-becede00c706>.

Conceicao, Thiago Pirajira. *Afrotempos criação, deslocamentos e produção de vida nas artes da cena*. 2023. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/URGS_45c2be94ef6e3f5a509edcffa1baa6ee.

Corraide, Marco Tulio. *Do afropessimismo ao afrofuturismo: a anti-humanidade do trabalhador preto e o pressuposto empregatício da pessoalidade*. 2022. Dissertação de Mestrado em Direito, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto. <https://www.repositorio.ufop.br/items/d2aec024-baab-4c0f-ad74-6850bc746b95>.

Damasceno, Daniela dos Santos. *Com os pés voltados para África: a literatura de Aline França*. 2020. Dissertação de Mestrado em estudo de linguagens, Universidade do Estado da Bahia, Salvador. https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS_29e92488107a17c3a22154aa9860ba7a.

Diop, Cheikh Anta. 1983 [1974]. “Origem dos antigos egípcios”. In Mokhtar, Gamal (Org.). *História Geral da África: a África antiga*, São Paulo, Ática; Unesco, 39-70.

Ernesto, Luciene Marcelino; Lu Ain-Zaila. 2019. *Afrofuturismo? o espelhamento negro que nos interessa*. Sem editora, (Ensaio auto publicado).

Eshun, Kodwo. 2015. “Mais considerações sobre o afrofuturismo”. In Freitas, Kênia (org.). *Afrofuturismo: cinema e música em uma diáspora intergaláctica*. Tradução de André Duchiede. São Paulo: Caixa Cultural.

Gonzalez, Lélia. 1988. “A categoria político-cultural de amefricanidade”. *Tempo Brasileiro*, 92 (93): 69-82.

Gonzalez. Lélia. 2018. *Primavera para as rosas negras*. Diáspora Africana: Editora filhos da África.

Hooks, bell. 1995. "Intelectuais negras". *Revista Estudos Feministas* 3 (2): 464- 476. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>.

Hupe, Ana Luiza Ferreira. *Ações artísticas contra formas de sujeição: deslocamentos entre imagem, escrita e performance*. 2016. Tese de Doutorado em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Jesus, Danielly Weerdy Oliveira de. *Uma viagem no tempo afrofuturista: (re)formulando caminhos narrativos em Kindred – laços de sangue*. 2021. Dissertação de Mestrado em Letras, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá.

Lima, Marcelo De Jesus. *Fim do mundo ou afrofuturo? Um estudo sobre as contranarrativas do afrofuturismo e do afropessimismo*. 2021. Dissertação de Mestrado em Estudos Culturais, Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana.

Maldonado-Torres. Nelson. 2019. “Analítica da Colonialidade e da decolonialidade: Algumas dimensões básicas”. In Bernardino-Costa, Joaze, Nelson Maldonado-Torres, e Grosfoguel, Ramón (orgs). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica.

Martins, Kariny Felipe. *Ficção especulativa no cinema negro brasileiro - a estética afrofuturista em curtas-metragens*. 2021. Dissertação de Mestrado em Cinema e Artes do Vídeo, Universidade Estadual do Paraná, Curitiba. https://ppgcineav.unespar.edu.br/dissertacoes_defendidas_new/2021/Dissertao_KarinyMartins_PPG_CINEAV.pdf.

Mbembe, Achille. 2018. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições.

Melo, Natascya Pereira. *Encarando a humanidade na obra de Octavia Butler: a tradução crítica do conto Childfinder*. 2022. Dissertação de Mestrado em Estudos de Tradução, Universidade de Brasília, Brasília. <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/44058>.

Mignolo, Walter. 2004. “Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica”. In Santos, Boaventura de Sousa (org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez.

Mota Neto, João Colares da. 2018. “Por uma pedagogia decolonial na América Latina: Convergências entre a educação popular e a investigação-ação participativa”. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, 26 (84). <https://doi.org/10.14507/epaa.26.3424>.

Oliveira, Helena Lucas Rodrigues de. *Delirando o presente: o ethos discursivo em canções afrodiaspóricas - perspectiva afrofuturista*. 2021. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/24103>.

Paterniani, Stella Zagatto. *São Paulo cidade negra: branquidade e afrofuturismo a partir de lutas por moradia*. 2019. Tese de Doutorado em Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília. <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/35466>.

Pereira, Dulce Maria. 2012. *A face negra do Brasil multicultural*. 1. ed., v. 1. 92p.

Pereira, Thaiana Ivia da Costa e Silva. *Mulheres pensando afrofuturos: fabulações, movimentos e sentidos*. 2022. Dissertação de Mestrado em Cultura e Territorialidades, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

Quijano, Aníbal. 2000. “Colonialidad del poder y casificación social”. *Journal of world-systems research*, 11 (2): 342-386. <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140506032333/eje1-7.pdf>.

Rocha, Helena do Socorro Campos da. *Afrofuturismo na educação: criatividade e inovação para discutir a diversidade etnicorracial*. 2020. Dissertação de Mestrado Profissional em Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior, Universidade Federal do Pará, Belém.

Rocha, Helena do Socorro Campos da; Vaz, Cristina Lúcia Dias. 2021. “Afrofuturismo na educação: o caso da metodologia ativa cartodiversidade”. *Revista E-Curriculum (PUCSP)*, 19 (3): 1036-1059. <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/49430>.

Rocha, Pitter Gabriel Maciel. *O som Afrofuturista: elaboração da ficção sônica Impactitos por Disco Duro*. 2021. Dissertação de Mestrado em Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Santiago, Gustavo Sena de Almeida. *Sankofa: retomada aos vestígios da paisagem de Itapuã*. 2022. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/36447>.

Santos, Loise Lorena do Nascimento. *Grupo de atendimento COM-POR pessoas negras: o afrofuturismo em ação*. 2022. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/21934>.

Silva, Claudio Valentin da. *A força das imagens de Emory Douglas: o papel do design na construção de identidades negras*. 2018. Dissertação de Mestrado em Design, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Silva, Raissa Lauana Antunes da. *Distorções e reescritas: o afrofuturismo e a ficção científica distópica em A parábola do semeador, de Octavia Butler*. 2022. Dissertação de Mestrado em Linguística e Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/10176>.

Sodré, Muniz. 2017. *Pensar nagô*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Souza, Carlos Henrique Garcia de. *Pedagogingas: A Pedagogia do Coletivo Casa Preta como insurgência educativa*. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal do Pará, Belém.

Souza, Waldson Gomes de. *Afrofuturismo: o futuro ancestral na literatura brasileira contemporânea*. 2019. Dissertação de Mestrado em Literatura, Universidade De Brasília, Brasília. http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/35472/1/2019_WaldsonGomesdeSouza.pdf.

Viola, Kamile. 2020. *África Brasil - Um dia Jorge Ben Voou Para Toda a Gente Ver*. Edições Sesc SP.